

Fórum Aveiro

Problema em recrutar mão-de-obra afeta multinacionais e PME exportadoras

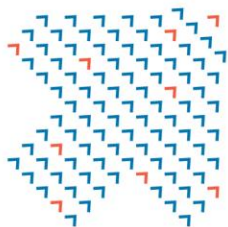
A terceira sessão dos VI FÓrums Norgarante realizaram-se em Ílhavo, no Museu da Vista Alegre, no dia 23 de novembro. Neste debate, ao qual assistiram mais de uma centena de pessoas, destacou-se a dificuldade que o tecido empresarial sente para recrutar mão-de-obra e o desfazamento entre as necessidades da indústria e a oferta formativa das universidades e do ensino em geral.

Antes do debate, o *Key Note Speaker*, Jorge Brandão, da Comissão de Coordenação de Desenvolvimento da Região Centro – CCDR-C, referiu que a região de Aveiro é uma das mais dinâmicas do Centro do país e está entre os distritos com os melhores resultados em matéria de competitividade e inovação. Por esta razão, Aveiro faz parte do grupo de regiões com maior número de projetos aprovados no âmbito do Centro 2020 e do Compete. Além de Aveiro, na região Centro, destacam-se Leiria e Coimbra com o maior número de projetos aprovados. Segundo Jorge Brandão, Aveiro é responsável por 25% dos projetos apresentados e um terço dos incentivos atribuídos no âmbito do Compete. Estes números mostram que a região tem “capacidade de iniciativa e de proposição de projetos” e que Aveiro está a “puxar pela região e pelo país”, afirmou Jorge Brandão.

No seu discurso de abertura da terceira sessão dos FÓrums Norgarante, a presidente da Comissão Executiva, Teresa Duarte, destacou a capacidade empreendedora e inovadora da região de Aveiro e fez a apresentação da atividade desta sociedade de garantia mútua na região.

“Aveiro é, provavelmente, a região do país que mais tem trabalhado o caminho da competitividade e com resultados à vista. Esta região apostou claramente na iniciativa empreendedora, na inovação, na investigação e no desenvolvimento e na capacitação dos seus recursos humanos”, disse Teresa Duarte.

A esta realidade não é alheia a atividade da agência de Aveiro da Norgarante que nos últimos 12 anos já fez emitir 20.607 garantias, no valor de 1,25 mil milhões de euros, na região. Deste montante, há 328,5 milhões de euros, correspondentes a cerca de 7.446 garantias, que fazem parte da carteira viva sob gestão da Norgarante.



EMPRESAS E TERRITÓRIOS PELA COMPETITIVIDADE

Inovar > Capacitar > Internacionalizar

A composição da carteira da agência aveirense, continuou Teresa Duarte, reflete a realidade empresarial da região. As atividades económicas de maior peso são o comércio (por grosso e a retalho), com 22%, seguindo-se a indústria de produtos metálicos (exceto máquinas e equipamentos), que responde por 17% e a indústria do calçado (couro e produtos de couro), com 7%.

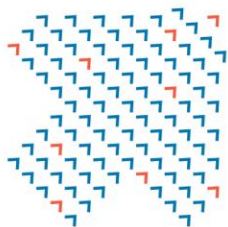
Desde o início do corrente ano e até setembro último, a agência de Aveiro da Norgarante viabilizou a emissão de 1.776 garantias, no valor agregado de 92 milhões de euros. Também aqui se destacam o comércio por grosso (17%), a fabricação de produtos metálicos (16%) e a indústria do calçado (7%). Seguem-se-lhes o comércio a retalho, as indústrias da madeira e da cortiça, a fabricação de máquinas e equipamentos e a indústria de artigos de borracha e de matérias plásticas.

Falta de recursos humanos trava desenvolvimento empresarial

Na conferência em Ílhavo, o debate sobre o tema “Empresas e territórios pela competitividade” foi moderado pelo jornalista Paulo Ferreira, que ouviu os representantes da indústria da região alertar para as dificuldades em recrutar e reter mão-de-obra qualificada. Um problema que está a travar o desenvolvimento empresarial na região.

Ana Sousa, da multinacional japonesa Yazaki Saltano, que produz componentes elétricos para automóveis em Ovar, assegurou que este problema se tem agravado nos últimos 5 anos e que é uma situação que coloca em causa a “continuação dos crescimentos elevados” que a empresa vem registando no nosso país. Outra dificuldade é, quando contratados esses recursos, mante-los na empresa. Segundo Ana Sousa, a empresa não pode descurar a “retenção do talento”, nomeadamente dos seus quadros e técnicos altamente qualificados que tem “deslocados”, no âmbito da respetiva operação internacional. O problema é, na visão da gestora da Yazaky Saltano, o facto de estarmos a assistir a uma “mudança geracional” em matéria de “processos de recrutamento”. Os chamados “*millennials*” “não querem construir uma carreira; querem acumular experiências”, disse.

Manifestando a mesma preocupação, Guilherme Cardoso, diretor comercial do grupo de automação industrial e metalomecânica JPM, de Vale de Cambra, receia a perda de competitividade da indústria transformadora da região e para a engenharia portuguesa. “Pode estar em causa a consolidação do trabalho que temos feito e os investimentos de muitas empresas em inovação e na diferenciação pela tecnologia. Se não formos capazes de recrutar talento e de potenciar a mão-de-obra qualificada disponível na região, até a engenharia portuguesa sairá a perder”, lamentou o gestor.



EMPRESAS E TERRITÓRIOS PELA COMPETITIVIDADE

Inovar > Capacitar > Internacionalizar

Para o professor catedrático da Universidade de Aveiro (UA), Joaquim Borges Gouveia, estamos perante uma “fragilidade” própria de um ecossistema empresarial “aberto”, porque “claramente exportador”. Mas que pode ser minimizado se o sistema educativo estiver mais adequado à realidade das empresas. Esta situação é, sobretudo, um “desafio” para os decisores políticos, que devem “atuar ao nível das áreas experimentais dos 2.º e 3.º ciclos” do ensino básico, defendeu Borges Gouveia.

O nosso sistema educativo, afirmou o catedrático que é um dos pioneiros das novas tecnologias em Portugal, continua “desfasado das necessidades das empresas” e está a “produzir gente que não faz ideia do que vai ser o mundo daqui a cinco anos”. As políticas públicas na área da educação, salientou, devem contribuir para “despertar os jovens para a realidade das fábricas” do nosso tempo, nomeadamente das indústrias que “não recusam alunos para estagiar” e “valorizam o conhecimento, as mentes abertas e a capacidade de integração em redes globais de inovação produtiva”.

No imediato, porém, a indústria transformadora aveirense terá que continuar a dar formação ao seu pessoal, de estreitar a “relação win-win” que mantém com a Universidade de Aveiro e de alargar a colaboração a outras instituições, mesmo fora da região, para recrutar a mão-de-obra qualificada de que precisa para a sua expansão internacional, crescimento, inovação, eficiência de processos ou novos produtos. “A competitividade passa muito por aí”, concluiu Borges Gouveia.

Esta sessão contou, ainda, com a participação de João Tomaz, diretor-adjunto do Centro de Assessoria Económica e Financeira da Associação Portuguesa de Bancos, que deixou uma mensagem positiva relativamente às condições de acesso ao crédito por parte das empresas. “Os bancos estão hoje muito melhores do que há uns anos atrás e há mais liquidez. As condições de acesso ao crédito estão mais favoráveis”, referiu João Tomaz.

